

REPRESENTAÇÕES DA DEFICIÊNCIA FÍSICA NA TELENVELA, UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR

REPRESENTATIONS OF PHYSICAL DISABILITY IN THE SOAP OPERA, AN INTERDISCIPLINARY ANALYSIS

REPRESENTACIONES DE LA DEFICIENCIA FÍSICA EN LA TELENVELA, UN ANÁLISIS INTERDISCIPLINARIO

Obra resenhada/reseñada:

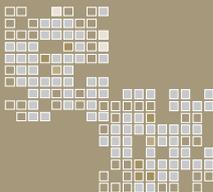
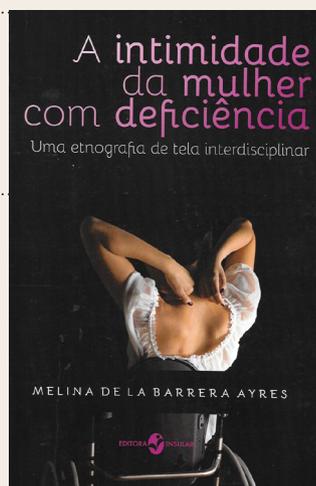
AYRES, Melina de la Barrera. *A intimidade da mulher com deficiência: uma etnografia de tela interdisciplinar*. Florianópolis: Insular, 2017.

Juliana Gobbi Betti

- Doutoranda (bolsista Capes) e Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-Graduada em Filosofia e Direitos Humanos pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Jornalista pela Universidade Metodista de São Paulo.
- Email: jugobbibetti@gmail.com.

Joseph D. Straubhaar

- Professor do Departamento de Rádio, TV e Cinema da Universidade do Texas (EUA) e atual diretor do Programa de Estudos Latinos e Latino-Americanos do Moody College of Communications. Doutor em Comunicação Internacional pela Universidade de Tufts (EUA). Pesquisador na área de televisão, cultura de mídia e tecnologia publicou diversas obras, entre as quais, *Television Industries in Latin America* (2013), em co-autoria John Sinclair; e *Media Now: Understanding Media, Culture, and Technology* (10ª edição em 2017), em co-autoria com Robert LaRose e Lucinda Davenport.
- E-mail: jdstraubhaar@gmail.com.



RESUMO

O livro discute as representações da deficiência física adquirida, com ênfase nas vivências da intimidade da mulher. Tendo como objeto empírico a telenovela *Viver a Vida*, cuja narrativa abordou a temática por meio da personagem Luciana, apresenta uma análise interdisciplinar e interseccional que envolve questões como o cuidado, o corpo e a sexualidade. Para isso, utiliza procedimentos metodológicos da Etnografia de tela, fundamentados por um amplo referencial dos estudos nas áreas da Comunicação Social, da Antropologia e dos *Disability Studies* em sua interface com os Estudos de Gênero.

PALAVRAS-CHAVE: ETNOGRAFIA DE TELA; ESTUDOS DE GÊNERO; DISABILITY STUDIES; TELENOVELA.

ABSTRACT

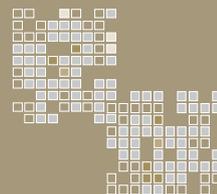
The book discusses representations of acquired physical disability, with an emphasis on the intimacy experiences of women. Using the soap opera *Viver a Vida* Having as an empirical object, which narrative addressed the topic through the character Luciana, the work presents an interdisciplinary and intersectional analysis that involves issues such as care, body and sexuality. For this purpose, methodological procedures of screen Ethnography are used, based on a broad reference of studies in the areas of Social Communication, Anthropology and Disability Studies, in their interface with Gender Studies.

KEYWORDS: SCREEN ETHNOGRAPHY; GENDER STUDIES; DISABILITY STUDIES; SOAP OPERA.

RESUMEN

El libro discute las representaciones de la deficiencia física adquirida, con énfasis en las vivencias de la intimidad de la mujer. Teniendo como objeto empírico la telenovela *Viver a Vida*, cuya narrativa abordó la temática por medio del personaje Luciana. Presenta un análisis interdisciplinario e interseccional que involucra cuestiones como el cuidado, el cuerpo y la sexualidad. Para ello, utiliza procedimientos metodológicos de la Etnografía de pantalla, fundamentados por un amplio referencial de los estudios en las áreas de la Comunicación Social, de la Antropología y de los *Disability Studies* en su interfaz con los Estudios de Género.

PALABRAS CLAVE: ETNOGRAFÍA DE LA PANTALLA; ESTUDIOS DE GÉNERO; DISABILITY STUDIES; TELENOVELA



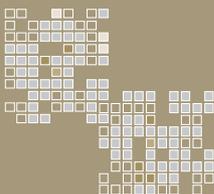
A telenovela está entre os formatos mais relevantes e longevos da produção televisiva brasileira. São quase sete décadas desde a exibição da pioneira *Sua vida me pertence*, na extinta TV Tupi, em 1951. De lá para cá, as técnicas e tecnologias se desenvolveram, a televisão se popularizou e a telenovela se configurou como “veículo privilegiado do imaginário nacional, capaz de propiciar a expressão de dramas privados em termos públicos e dramas públicos em termos privados” (Lopes, 2003, p.20). Esta capacidade dialógica de significação, característica do formato, é um dos pressupostos que justificam o interesse e direcionam o olhar de Melina de la Barrera Ayres em sua análise sobre as representações da deficiência física na narrativa de *Viver a Vida*.

De autoria de Manoel Carlos, o enredo principal da novela é conduzido pelo cotidiano das relações amorosas, familiares e profissionais vivenciadas por Helena, modelo internacional de sucesso interpretada por Taís Araújo. No entanto, logo ganha destaque a história de Luciana, rival e enteada de Helena. Vivida pela atriz Alinne Moraes, a jovem modelo sofre um acidente em sua primeira viagem internacional a trabalho e fica tetraplégica. A deficiência física se torna, então, uma condição permanente e passa a fazer parte da vida da personagem já nos primeiros capítulos. Assim, Ayres destaca a abordagem diferenciada do tema, explicando que, embora fique caracterizada a mudança de comportamento de Luciana após o acidente – ela deixa de ser ambiciosa e mimada, evidenciando seu lado doce e romântico –, a deficiência não é retratada como castigo, nem como uma jornada de redenção que a levará à superação.

Viver a Vida foi veiculada pela Rede Globo entre setembro de 2009 e maio de 2010, refletindo um importante marco na legislação brasileira: a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com deficiência, ratificada e incorporada ao ordenamento jurídico em 2008. A personagem Luciana foi inspirada na jornalista Flávia Cintra, que atuou como consultora de Manoel Carlos e Alinne Moraes. Neste sentido, Ayres (2017, p.53) evidencia que o diálogo com a realidade e contexto social é uma característica do novelista, pontuando que esta telenovela possibilitou a ampliação do debate a partir da inserção do tema na agenda pública, inclusive de forma transmidiática, com a criação do blog mantido pela personagem, *Sonhos de Luciana*.

Esta foi a primeira telenovela brasileira a incluir este recurso como parte de sua narrativa. Foi, igualmente, a primeira tentativa da Rede Globo de adaptar-se ao modelo da convergência. Criando uma nova forma de interação com a telenovela através de um conteúdo disponível 24 horas. Ao ponto que a telenovela terminou e o blog ainda continua online (Ayres, 2017, p.76).

Outra estratégia de divulgação, esta mais comumente utilizada pela emissora, se dá no paralelo mais direto entre a ficção e a realidade, com a inclusão de temas e situações da telenovela como pauta em programas de entretenimento e jornalísticos.



Buscando diversificar as vozes e interpretações possíveis, estes materiais também são utilizados para complementar e aprofundar a análise no estudo aqui indicado.

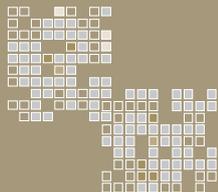
Oriunda da área da Comunicação, Ayres desenvolve estudos sobre televisão há mais de uma década, alternando entre o jornalismo e a telenovela, com especial atenção às produções de Manoel Carlos. O livro é fruto da pesquisa realizada em seu doutoramento no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. A tese, originalmente intitulada *As representações da deficiência física na telenovela Viver a Vida. Uma etnografia de tela da intimidade: cuidado, corpo e sexualidade*, apresenta o tema com profundidade e rigor científico sem perder a fluidez literária, como enfatizam os orientadores, Profa. Carmem Rial e Prof. Dr. Adriano Henrique Nuernberg, respectivamente na apresentação e prefácio da publicação.

A partir do referencial dos Estudos Culturais, a pesquisadora busca no diálogo com a Antropologia e os Estudos da Deficiência, em sua interface com os Estudos de Gênero, os aportes necessários para o desenvolvimento de uma abordagem que considere a complexidade de seu objeto de estudo. Suas posições epistêmicas diante do desafio da pesquisa interdisciplinar são apresentadas ao longo do primeiro capítulo, no qual discute e relaciona os principais conceitos que sustentam a base teórico-metodológica.

Da perspectiva teórica adotada destaca-se a opção pelo Modelo Social da Deficiência que, conforme explica a autora, “desloca a compreensão da deficiência do corpo lesado para o contexto, apontando para o peso das barreiras sociais” (Ayres, 2017, p.86). Tal abordagem permite e condiz com o objetivo de uma análise que considera os marcadores culturais que constroem a identidade social representada pela personagem na telenovela. Aqui, destaca-se a importância desta interseccionalidade observada pela pesquisadora na constituição estética do corpo de Luciana, pois ao mesmo tempo em que segue um padrão de beleza limitado: jovem, magra, branca, com cabelos lisos e claros, difere-se da representação mais comum da deficiência, ligada à deformidade, feiúra e rejeição.

Apesar de todas as contradições e limitações das representações propostas sobre o corpo, ao longo do relato de Viver a vida vai se evidenciando que o corpo de Luciana é um corpo que produz, que sente, que pensa, que pode amar e ser amado, sentir e dar prazer, e que também é belo. Se mostra como a deficiência não se limita as questões físicas, mas tem relação com o espaço, a mente, os sentimentos e as vivências (Ayres, 2017, p.263).

Do mesmo modo, Ayres pondera sobre a interferência da classe social na representação. Por ser de uma família muito rica, ao longo da trama, Luciana pôde ter acesso aos mais diversos equipamentos, tratamentos e profissionais. Em entrevista concedida à autora, ao ser questionada sobre a amplitude de tal inclusão,



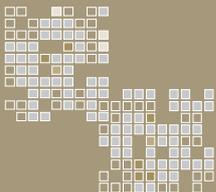
Flávia Cintra explicou a intenção de aproveitar o potencial informativo da telenovela para divulgar as possibilidades e recursos existentes. O contraponto se sobressai com a análise dos comentários deixados no blog e que relatam as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência que possuem uma situação financeira menos abastada. Assim, a pesquisadora atenta para o fato de que a facilidade de acesso retratada cria um cenário de simplificação que idealiza a vivência da personagem, ainda que igualmente ressalte que “os/as telespectadores/as têm consciência da diferença entre a situação proposta na ficção e a realidade do/da brasileiro/a” (Ayres, 2017, p.123).

A análise das cenas tem como método-guia a Etnografia de Tela. Sua utilização incorpora à área da Comunicação um novo instrumental interdisciplinar que, alinhado à Antropologia Visual,

[...] transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo (no caso, em frente a televisão), a observação sistemática e o seu registro metódico em caderno de campo, etc; outras próprias da crítica cinematográfica (análise de planos, de movimentos de câmera, de opções de montagem, enfim, da linguagem cinematográfica e suas significações) e outras próprias da análise de discurso (Rial, 2004, p.30-1).

O corpus da pesquisa é composto por onze cenas protagonizadas por Luciana que, nos termos da autora, marcam o estabelecimento da rotina de cuidado familiar, os rituais de passagem e renascimento e a sexualidade, sendo “vivências da deficiência no âmbito doméstico, estando cada uma delas relacionadas ao cômodo onde as cenas se desenvolvem” (Ayres, 2017, p.31). Tais eixos delineiam as estruturas dos três capítulos dedicados à análise, propondo um caminhar pelos espaços da casa que gradualmente desvela a intimidade da personagem.

Na narrativa o processo de adaptação de Luciana à sua nova condição, bem como das pessoas que compõem seu círculo mais próximo, é mostrado em suas contradições desde o choque inicial. Seguindo esta lógica, o segundo capítulo do livro analisa, por exemplo, sua chegada em um ambiente adaptado depois de receber alta do hospital e o aprendizado sobre o uso de tecnologias que ampliam sua autonomia, tendo a sala como principal espaço. No terceiro capítulo, as cenas que envolvem os banhos permitem uma análise mais diretamente ligada ao corpo, apontando os ritos de renascimento de Luciana enquanto pessoa, mulher e cidadã. O quarto é o local onde a sexualidade e a identidade do corpo feminino com deficiência física são abordadas de forma mais ampla no último capítulo. Esta subdivisão temática, que enfatiza a intimidade e os espaços internos da casa, não isola ou desloca tais questões de seu quadro mais amplo, ao contrário. Em suas observações, a autora inclui outros momentos da história que são ambientados em áreas externas, como a praia, estabelecendo relações entre as cenas e seus contextos e criando um fluxo narrativo que contribui para delinear a complexidade da experiência social da deficiência.



Ainda, conforme anteriormente comentado, a Ayres utiliza procedimentos e materiais que permitem ampliar sua compreensão sobre o que está ou não em cena, trazendo à tona os espaços vazios deixados pelos saltos temporais. Estão incluídas nesta análise as reportagens exibidas pelo Fantástico (nos dias 7 e 18 de março de 2010), os comentários deixados por telespectadores no blog da personagem (84 postagens sobre as cenas incluídas na amostra) e os filmes *Hasta la vista*, *Intouchables* e *The Sessions*. A riqueza de detalhes e a profundidade das observações igualmente se amparam nas entrevistas realizadas pela pesquisadora e nas anotações de seu diário de campo, realizadas em dois momentos distintos: durante a transmissão da novela e no desenvolvimento da pesquisa.

Ao se propor a estudar a representação da deficiência física adquirida tendo como objeto empírico *Viver a Vida*, a autora assume uma postura crítica e consciente, fundamentada no entendimento de que a telenovela é um espaço público de (re)negociação de sentidos, concepção compartilhada com outros autores da área. Salientando sua significação cultural e social, afirma que “estas ficções proporcionam mais do que entretenimento e distração, elas transmitem uma quantidade de mensagens sobre atitudes e valores chegando, inclusive, a promover mudanças na forma de pensar e de agir dos/as telespectadores/as” (Ayres, 2017, p.21). Neste sentido, cabe destacar que “o final de Luciana como o de toda mocinha foi feliz, casou-se com o homem que amava, teve filhos/as e sucesso na carreira como modelo, tudo isso tendo que se adaptar a nova realidade: viver e conviver com a deficiência” (Ayres, 2017, p.24).

Por fim, ressalta-se que a escrita em primeira pessoa, acompanhada pelas pontuais inserções de registros do diário de campo, marcam o posicionamento científico da autora sobre sua subjetividade. E, embora possa causar certo estranhamento inicial nos leitores menos ambientados nas leituras de tradição antropológica, acabam por criar uma narrativa à parte, permitindo uma compreensão mais ampla de todo o processo de pesquisa, permeado pelas escolhas e experiências da pesquisadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYRES, Melina de la Barrera. *A intimidade da mulher com deficiência: uma etnografia de tela interdisciplinar*. Florianópolis: Insular, 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela Brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, (26), p.17-34, jan/abr. 2003.

RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. *Revista Antropologia em primeira mão*. Florianópolis, (74), p.4-67, 2004.

